

EUA e Irã veem trégua difícil e trocam ameaças “devastadoras”

Israel ataca petroquímica próxima a megacampo de gás, e Teerã promete retaliação

Na reta final de mais um ultimato dado por Donald Trump em sua guerra contra o Irã, os rivais estudam propostas para uma trégua de 45 dias visando encerrar de vez as hostilidades. Negociadores de ambos os lados admitem que as chances de acordo parecem baixas.

Segundo a Casa Branca, o presidente americano ainda não deu seu aval a qualquer acordo. Ele havia feito a quarta extensão de prazo para que a teocracia reabra o estratégico estreito de Hormuz no domingo (5), sob pena de “explodir tudo” —no caso, infraestrutura civil como usinas de energia e pontes.

O prazo venceria na noite desta segunda-feira (6), mas, após destempero verbal nunca antes visto numa postagem presidencial recheada de palavrões, Trump concedeu uma entrevista dizendo que esperaria até as 21h de terça (7), no horário de Brasília.

De lá para cá emergiram múltiplos relatos acerca da mais recente proposta americana, enviada por meio de militares paquistaneses. Os detalhes são escassos, mas preveem os tais 45 dias, citados inicialmente pelo site americano Axios.

Segundo o site e veículos como as agências Reuters e Associated Press, o centro do debate é o mesmo que embasou o acordo de 2015 para coibir o programa nuclear do Irã: trocar a renúncia à bomba atômica pelo fim de sanções.

Mas os entraves seguem os mesmos que levaram Trump a deixar o acordo em 2018: os ira-



Molly Riley/ Casa Branca

Trump estica o prazo para a reabertura do estreito de Hormuz, prometendo ‘explodir tudo’

nianos não abrem mão de manter capacidade de processamento e enriquecimento de urânio, o que deixa a porta aberta para violações futuras.

As negociações sobre o tema haviam sido reabertas neste ano, após os megaprotostos contra o regime iraniano. Trump aparentemente acreditava que o enfraquecimento faria Teerã ceder, mas acabou por lançar sua guerra no meio das rodadas de conversas.

Nesta segunda, o porta-voz diplomático do Irã, Esmail Baghaei confirmou que Teerã enviou sua contraproposta a um plano inicial americano que exigia praticamente a capitulação da teocracia, que foi rejeitado.

A escalada de tom de Trump no fim de semana, embora possa ser lida como seu típico método negociador de subir a aposta antes de buscar um acordo, manteve os ânimos exaltados.

“O presidente americano ameaçou publicamente cometer crimes de guerra”, disse o vice-chanceler Kazem Gharibabadi no X. Ele está correto, à luz da lei internacional, caso os ataques de Trump não tenham objetivo militar claro. Daí a alguém ser punido, porém, é outra história.

O comando militar iraniano disse que se a ameaça de atacar pontes e usinas de energia for concretizada, “uma retaliação muito mais devastadora” será lan-

çada contra a região —assumindo também o risco de cometer crimes de guerra.

No cardápio presumido para mísseis e drones estão, além da infraestrutura petrolífera dos países vizinhos, alvos como usinas de dessalinização vitais para o abastecimento de água no Oriente Médio e cidades israelenses.

O petróleo segue em alta. Por Hormuz passam 20% da produção global do produto e do gás natural liquefeito. Embora o trânsito para navios de alguns países tenha sido autorizado por Teerã, no geral a via segue interdita.

Após ter matado nesta segunda mais um comandante militar iraniano, o Estado judeu voltou a

fazer um ataque a instalações próximas do maior campo de gás do mundo —que Teerã divide com Doha no golfo Pérsico.

O alvo, segundo o ministro Israel Katz (Defesa), foram instalações de apoio a uma petroquímica, que ele diz ter sido poupada. No mês passado, uma ação israelense contra o campo de Pars Sul levou a uma retaliação iraniana contra o Qatar que quase saiu de controle.

Israel entrou na guerra ao lado dos EUA desde seu começo, há pouco mais de cinco semanas. Nesta segunda, alvejou o general Majid Khademi, o chefe de inteligência da poderosa Guarda Revolucionária, principal ente do governo islâmico instalado em 1979. Ele foi morto por um bombardeio nesta manhã.

Com isso, a face de decapitação do regime da campanha militar segue nas mãos principalmente de Israel, que na aurora da guerra matou o líder supremo, Ali Khamenei, e dezenas de chefes militares e políticos em Teerã. A teocracia, por ora, sobrevive, com todos os assassinados sendo substituídos.

Israel seguiu com ataques a alvos no Irã e no Líbano, país onde mira o grupo Hezbollah, que entrou na guerra ao lado dos aiatolás.

Na mão inversa, a retaliação iraniana deixou ao menos cinco feridos nesta segunda na região de Tel Aviv, centro econômico israelense. Em Haifa (norte), quatro corpos foram retirados de um prédio destruído no domingo.

Por Igor Gielow (Folhapress)

Hamas condiciona seu desarmamento à saída de Israel de Gaza

O braço armado do Hamas afirmou neste domingo (5) que discutir o desarmamento do grupo antes que Israel implemente integralmente a primeira fase do cessar-fogo na Faixa de Gaza, mediado pelos Estados Unidos, é uma tentativa de continuar o que chamou de genocídio contra o povo palestino.

Em um pronunciamento televisionado, o porta-voz do grupo terrorista, Abu Ubaida, disse que levantar a questão das armas “de maneira grosseira” não será aceito.

A questão da entrega das armas pelo Hamas é um grande obstáculo nas negociações para implementar o plano do Conselho de Paz proposto pelo presidente dos EUA, Donald

Trump, para Gaza, que visa consolidar o cessar-fogo que interrompeu dois anos de combates em grande escala em outubro passado.

O Hamas disse aos mediadores que não discutirá o desarmamento sem garantias de que Israel deixará Gaza completamente, disseram três pessoas próximas às negociações à agência Reuters na semana passada.

“O que o inimigo está tentando impor hoje contra a resistência palestina, por meio de nossos mediadores irmãos, é extremamente perigoso”, disse Ubaida.

O porta-voz ainda afirmou que as exigências de desarmamento “nada mais são do que uma

tentativa flagrante de continuar o genocídio contra o nosso povo, algo que não aceitaremos sob nenhuma circunstância”.

Não ficou imediatamente evidente se os comentários representam uma rejeição formal do plano de desarmamento apoiado pelos EUA, e autoridades políticas do Hamas não responderam aos pedidos de comentários.

Desde que o cessar-fogo entrou em vigor, o Hamas e Israel têm se acusado repetidamente de violar seus termos. Abu Ubaida instou os mediadores a pressionarem Israel para que cumpra seus compromissos na primeira fase do plano de Trump antes que qualquer discussão sobre a segunda fase possa ocorrer.

“O inimigo é quem mina o acordo”, disse ele. Não houve comentários imediatos de Israel sobre as declarações.

Ainda neste domingo, um

ataque de Israel contra um grupo de civis matou quatro pessoas e deixou outras feridas em Gaza, segundo a Defesa Civil e um hospital do território palestino.

A operação ocorreu antes do amanhecer em um bairro do leste da Cidade de Gaza, maior zona urbana do território, segundo a Defesa Civil, que funciona como força de resgate sob comando do Hamas. “Um ataque aéreo israelense antes do amanhecer matou quatro pessoas e feriu várias”, informou.

O hospital Al Shifa de Gaza confirmou o balanço e afirmou que o ataque foi realizado por um drone israelense. “Quatro mártires e cinco feridos chegaram ao hospital esta manhã, depois que um drone israelense disparou dois mísseis contra um grupo de civis”, afirmou o hospital.

O Exército israelense disse, em nota, ter identificado uma “célula terrorista” que constituía uma

“ameaça imediata” e que por isso, realizou “um ataque seletivo a fim de eliminar a ameaça”.

Apesar do cessar-fogo, Israel tem feito ataques em toda Gaza, matando pelo menos 715 pessoas desde que a trégua entrou em vigor, em 10 de outubro, segundo o Ministério da Saúde do território, que também opera sob a autoridade do Hamas. As Nações Unidas consideram que os números do ministério são confiáveis. Do outro lado, Tel Aviv afirma que cinco de seus soldados morreram desde o início da trégua.

A guerra entre o Hamas e Israel em Gaza eclodiu depois que homens liderados pelo grupo realizaram ataques transfronteiriços contra o sul do país, provocando uma ofensiva israelense devastadora que deslocou grande parte da população de Gaza e deixou o território em ruínas, com mais de 70 mil mortos.

Por Folhapress